

A educação complementar em Araraquara-SP: uma oportunidade de reestruturação do *habitus* para as classes populares

Elaine Cristina Scarlatto*

Marilda da Silva**

Resumo

Pretende-se, por meio deste artigo, apresentar e avaliar a importância do Centro de Educação Complementar Piaquara, situado em Araraquara-SP. Essa instituição foi criada em 1994 e destina-se a atender crianças que se encontram na faixa etária compreendida entre 7 a 14 anos de idade. O princípio pedagógico dessa instituição, bem como os procedimentos didáticos utilizados para sua efetivação, permitem à criança a aquisição da alta cultura. Nesse sentido, consideramos, com base na noção de *habitus* formulada por Pierre Bourdieu, que o Centro de Educação Complementar, por meio de suas práticas culturais, tem propiciado a seus alunos um “aumento” de *capital cultural*, desencadeando uma reestruturação em seu *habitus* primário. Acreditamos que o modelo pedagógico assumido por esta instituição é bastante adequado à educação de crianças, sobretudo para as crianças das classes populares.

Palavras-chave: Educação complementar. Pierre Bourdieu. *Habitus*.

The complementary education in Araraquara-SP: an opportunity of restructuring the *habitus* for the popular class

Abstract

By the means of this article it is intended to submit and evaluate the importance of the Piaquara Complementary Education Center situated in the city of Araraquara. This institution was established in 1994 and it has been focused on assisting from 7 to 14 year-old children. The purpose of the pedagogical principle and the didactic procedures put into effect is to promote the acquisition of high culture. Based on the concepts of *habitus* articulated by Pierre Bourdieu, we consider that the Complementary Education Center through its cultural practices have been providing to the students an increase in their *cultural capital*, causing a reorganization. We believe that the pedagogical pattern adopted by this institution is quite suitable to the Primary Education, chiefly to the less privileged children.

Keywords: Complementary education. Pierre Bourdieu. *Habitus*.

* Professora de Sociologia do sistema público de ensino estadual de Araraquara (SP).

** Professora Doutora em Educação, do Departamento de Didática da Universidade Estadual Paulista/Unesp/Araraquara (SP).

Introdução

Com este relato de experiência quer-se apresentar e avaliar “a fertilidade do Centro de Educação Complementar (CEC) para a aquisição do *capital cultural* e para o desenvolvimento do *habitus* mediado pela alta cultura: uma oportunidade para crianças carentes”, ou seja, crianças menos privilegiadas dos pontos de vista econômico e sociocultural. Nesse sentido, a exposição que será feita a seguir focalizará origem e formação do CEC mais especificamente do CEC, Piaquara, localizado na cidade de Araraquara-SP.

O primeiro Centro de Educação Complementar foi implantado em 1994 e denominado CEC Piaquara. O projeto político-pedagógico desse Centro foi elaborado a partir das características básicas do Plano Municipal de Educação de Araraquara-SP. Sua fundamentação teórica e funcional foi elaborada pela Dra. Orlene de Lourdes Capaldo, tendo-se concretizado a partir de um convênio estabelecido entre a Fundação Vitae e a Prefeitura Municipal de Araraquara, por meio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Após a avaliação positiva do funcionamento do Piaquara e após a reformulação do projeto procedida em 1995, que manteve o seu referencial teórico e funcional, instalou-se a segunda instituição de educação complementar, no Jardim Selmi Dei, em agosto de 1996. A faixa etária de atendimento foi estendida de 12 para 14 anos e incluiu a informática como uma nova área de ação educativa. Para a instalação do terceiro CEC, em agosto de 1997, na Vila Melhado, foi estabelecido o convênio com o Fundo Paulista de Defesa da Citricultura – Fundecitrus. Os princípios teóricos e funcionais do Projeto original foram mantidos ao longo das revisões e conservou-se a organização dos Centros de Educação Complementar em oficinas permanentes e estruturadas. Foram criados o Programa de Educação Complementar (PEC), instalado no Parque das Hortências, e o Centro de Educação Complementar “Aléscio Gonçalves dos Santos”, em 2000. (CAPALDO, 2006, p. 01).

Tendo como princípios doutrinários educar para a cidadania, educar para a cidadania cultural educar pelo diálogo, educar para a solidariedade, educar para a paz e para o respeito ao meio ambiente, a educação complementar tem como objetivos gerais: 1) respeitar cada criança e cada adolescente como pessoa humana em processo de desenvolvimento, resguardando sua imagem e identidade, sua autonomia, seu espaço e objetos pessoais, garantindo-lhes integridade física e psíquica; 2) levar o aluno a agir com autonomia nas decisões pessoais e nas relações sociais, valorizando as contribuições próprias e alheias e respeitando os princípios básicos de uma sociedade democrática; 3) reconhecer no patrimônio cultural a diversidade lingüística e artística como direito dos povos e dos indivíduos, desenvolvendo interesse, respeito e tolerância; 4) aprender os modos corretos de representação da linguagem, construindo e interpretando coerentemente textos diversos, utilizando-os como instrumentos de comunicação, de reivindicação e de inserção no mundo social; 5) interessar-se

A educação complementar em Araraquara-SP: uma oportunidade de reestruturação do habitus para as classes populares

pelo trabalho em equipe, valorizando os comportamentos cooperativo, solidário e responsável, e demonstrando conhecimento, flexibilidade, idoneidade, criatividade, estabilidade emocional e confiança; 6) por último, é também objetivo da Educação Complementar educar para o reconhecimento da relação entre o social e o natural nas questões ambientais, tendo em conta a participação e a articulação como poder público na busca de soluções para problemas que afetam a sociedade.¹

Depreende-se que é possível estabelecer uma analogia entre a ação educativa do CEC e os direitos à defesa das crianças e dos adolescentes estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), como poderá ser visto a seguir:

Art. 15 – A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas Leis. [...]

Art.17 – O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. [...]

Art. 58 – No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura. [...]

Art. 71 – A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Por outro lado apesar do artigo 60 do ECA ser bem claro quando afirma que “é proibido qualquer trabalho a menores de 14 anos de idade, salvo na condição de aprendiz”, crianças são inseridas precocemente no mercado de trabalho e pesquisas demonstram que um dos principais motivos pelos quais isso ocorre é a falta de local e ocupação para o período em que não estão na escola oficial.

Mais importante do que a possibilidade das crianças ajudarem a compor a renda familiar, segundo consta no texto do projeto do CEC, os pais preocupam-se em não deixá-las na rua, já que, nesse caso, a rede de ensino público funciona nove meses por ano, de quatro a cinco horas por dia. Essa sobra diária de tempo livre da criança das classes populares, cujos pais estão fora de casa no exercício de alguma atividade laborativa, não tem sido benéfica a esse grupo social, tendo em vista que na maioria das vezes a “vida na rua” não é a desejável à formação dessas pessoas. Também por isso o trabalho infantil é alimentado. Nesse sentido, podemos dizer que o CEC direta e indiretamente tem o objetivo

Elaine C. Scarlatto - Marilda da Silva

de evitar o trabalho infantil, uma vez que a criança terá uma ocupação sociocultural-acadêmica a ser experienciada nas "sobras" de tempo diário. E, obviamente, isso lhe traz benefícios de natureza acadêmica que contribuem para o sucesso de seu processo de escolarização de modo geral.

As práticas pedagógicas do CEC

Atualmente, o CEC Piaquara complementa a educação formal de mais de 200 crianças e adolescentes com idade entre 7 e 14 anos matriculados e freqüentando o Ensino Fundamental, dando total assistência e realizando várias atividades com o objetivo de demonstrar, na prática, o significado da palavra cidadania. Além das atividades pedagógicas, as crianças e adolescentes recebem refeições, orientações acerca da higiene pessoal (higiene bucal, cuidados com o vestuário) e da conservação do ambiente; desfrutam de espaço de convivência e participam de atividades culturais diversificadas. Todas as crianças e adolescentes participam dessas atividades, que são realizadas em oficinas específicas.

As oficinas em funcionamento no CEC são:

Texto I e II, que tem como objetivo a valorização da linguagem por meio da leitura e da escrita, voltando-se também para a iniciação à informática. O material de apoio ao trabalho é composto de livros infanto-juvenis, revistas, jornais e cadernos;

Relações é uma oficina voltada para a dramatização, dança e expressão corporal. Nessa oficina as crianças interpretam sentimentos, emoções e crenças por meio da expressão corporal e da exposição oral;

Música e canto constitui uma oficina voltada para noções sobre música clássica, árabe, religiosa, popular, etc;

Práticas de organização do cotidiano consiste no lado prático do respeito ao meio-ambiente. São propostas atividades como as de cuidar de uma horta, plantar uma árvore, etc. Além disso, as professoras desta oficina ensinam os alunos a escovar os dentes após as refeições; organizar o material da escola; preparar a própria alimentação, etc;

Recreação e jogos é uma oficina na qual os alunos desfrutam de alguns momentos de lazer, mas principalmente, desenvolvem conceitos de respeito às regras pelo desenvolvimento do sentimento de equipe, companheirismo e por meio do resgate das brincadeiras tradicionais. Por meio desta oficina é possível aprender a respeitar as normas estabelecidas para a execução de diferentes jogos, em grupo ou individuais;

A educação complementar em Araraquara-SP: uma oportunidade de reestruturação do habitus para as classes populares

Expressão constitui um espaço para releitura de quadros, colagem, desenho, pintura, trabalhos manuais com materiais diversos como madeira, gesso e massa. Essas são algumas das atividades que fazem parte dessa oficina.

Já em **Tarefas escolares**, os alunos do CEC, de forma orientada pelos professores, têm a oportunidade de realizar as tarefas escolares, visando, nesse caso, a constituição e a manutenção de hábitos de estudo. O objetivo é que as crianças conjuguem essas atividades e tenham condições de enriquecer seu cotidiano. A diretora do CEC Piaquara conta que todos os anos os alunos fazem apresentações. Eles já foram ao asilo, à farmácia Droga Ven, a várias escolas, aos CERs, e até ao Teatro Municipal. Geralmente essas apresentações são na forma de peças de teatro, corais, dança, entre outras.

O CEC desenvolve também muitas atividades de pesquisa com os alunos, como o projeto “Eu Sou o Samba”, criado pelo CEC-Piaquara em 1999. Nesse projeto, as crianças pesquisaram a história do samba e o seu papel importante na cultura nacional, logo, na história do país. Nesse trabalho encontramos sambas marcantes, desenhos, fotos e muita informação.

O CEC-Piaquara também desenvolve um jornal produzido pelas crianças. Cada turma cria seu próprio jornal e nele encontramos matérias de esporte, notícias de Araraquara, relatos das atividades desenvolvidas nas diversas oficinas, notícias dos CECs, entrevistas com os professores, notícias ecológicas, curiosidades, alertas, páginas de diversão, etc. Os alunos também têm aula de culinária que se relaciona com a educação ambiental.

Vale dizer que muitas figuras públicas já visitaram o CEC-Piaquara, entre eles, Marcelo Miura, Mestre Jorge, Hermeto Paschoal, a artista plástica Sueli Ferrer, a antropóloga Silvia de Carvalho, a modelo Tânia Pozzebom, entre outras pessoas de reconhecida expressão, o que orgulha direção, professores e alunos.

A fundamentação teórica utilizada na interpretação sobre a potencialidade do CEC

Capital cultural e *habitus* são noções que podem explicar a importância de projetos que se estruturam para propiciar ao aluno a aquisição de *capital cultural*, tendo em vista seu *habitus* em sentido geral. Vejamos, em primeiro lugar, o “mais oculto e determinante socialmente dos investimentos educativos”, o *capital cultural* (BOURDIEU, 1998. p. 73).

O *capital cultural* (diplomas, nível de conhecimento geral, boas maneiras) é adquirido na esfera familiar por meio da proximidade com a cultura erudita, com práticas culturais ou lingüísticas de seu meio familiar. Para Bourdieu, o *capital cultural* manifesta-se em três estados: estado incorporado, estado objetivado e estado institucionalizado.

O estado incorporado é fundamental, pois consiste na incorporação, na acumulação de bens simbólicos nas estruturas de pensamento. Essa incorporação depende de tempo, “custa tempo”, que somente o indivíduo pode gastar. Incorporado, esse capital cultural passa a fazer parte do sujeito, tratando-se de “uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa: um *habitus*” (BOURDIEU, 1998, p. 74).

Capital cultural no estado objetivado são os objetos culturais na forma de apropriação material (livros, quadros, esculturas, etc.). Para adquiri-lo, o sujeito depende de capital econômico e de capital cultural incorporado, pois este possibilita a valorização e a decifração para que haja uma apropriação simbólica dos objetos culturais. Por fim, temos o capital cultural institucionalizado, objetivado pelo certificado escolar, pelos diplomas.

A transmissão do capital cultural vai depender do nível cultural da família. Sua transmissão “ocorre de maneira osmótica, mesmo na falta de qualquer esforço metódico e de qualquer ação manifesta” (BOURDIEU, 1998, p. 46). O capital cultural recebido ou não pelo indivíduo determinará o tipo de seu *habitus*, como se pode ver por meio do conceito bourdieuniano que segue:

Habitus são sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um agente (BOURDIEU, 1983, p. 60).

Para ele, o *habitus* é estruturado no indivíduo durante o processo de socialização no âmbito familiar. De acordo com a fração de classe à qual o indivíduo pertence, lhe serão inculcadas disposições, propensões que direcionarão suas ações futuras. Essas disposições funcionam como princípios de orientação. Dependendo do *habitus*, o indivíduo terá uma maneira de compreender o mundo social, manifestando tendências e disposições.

No *habitus* ainda serão gerados ou criados estilos de vida, julgamentos políticos, morais e estéticos, direcionando, assim, as ações dos indivíduos no decorrer da sua vida. Enfim, são valores que determinarão as práticas dos indivíduos (VASCONCELLOS, 2002, p. 79).

Devemos então ressaltar que a categoria *habitus* pode apresentar-se tanto no nível individual como no social, ao referir-se a um indivíduo ou a uma fração de classe, manifestação que consideramos de extrema importância para

A educação complementar em Araraquara-SP: uma oportunidade de reestruturação do *habitus* para as classes populares

que possamos compreender a importância e/ou potencialidade dos Centros de Educação Complementar.

Porém, o mais interessante é que, para Bourdieu, o *habitus* se reestrutura. O *habitus* adquirido pelo agente no processo de socialização na esfera familiar não necessariamente é definitivo, ele pode ser reestruturado. Ou seja, os valores, os gostos, os comportamentos dos agentes podem mudar. Para criar esse conceito, Bourdieu parte da escolástica, porém distancia-se dela e inova ao mostrar a dinamicidade do *habitus*, que para a escolástica era estático, constituindo, segundo esse pensamento, uma segunda natureza no agente. Para Bourdieu, reitera-se, o *habitus* pode e é reestruturado ao longo da existência de cada agente social.

Habitus e as práticas pedagógicas do CEC

Acreditamos que a categoria *habitus* pode contribuir com o presente estudo no sentido de nos fazer compreender os comportamentos, os gostos, os valores dos alunos diante da cultura erudita quando ingressam no CEC, e a reestruturação do *habitus* (desses comportamentos, gostos, valores) depois de alguns anos de permanência na instituição, pois essa categoria permite que vejamos as disposições dos agentes não como simples subjetividades, mas como “objetividades interiorizadas” que orientam a escolha estética, entre outras escolhas que o indivíduo pode fazer.

Bourdieu analisa a vantagem que uma criança possui ao se desenvolver em uma família que comumente frequenta teatros, museus e que tem contato direto com a música, pintura, cinema, não apenas pela carga cultural. Ou seja, a aquisição de *capital cultural* forma um *habitus* que facilitará a trajetória de crianças que o incorporam, sobretudo, pelo aprimoramento da linguagem.

Expusemos aqui que o CEC fornece recursos culturais como dança, música, aulas de informática, releitura de obras de arte, atividades de leitura. E sabemos que essas práticas permitem a aquisição de *capital cultural* que, na esfera familiar, é formadora de um *habitus* que proporciona, entre outros privilégios, a capacidade para compreensão e, manejo da língua. Segundo Bourdieu, “de todos os obstáculos culturais, aqueles que se relacionam com a língua falada no meio familiar são, sem dúvida, os mais graves e insidiosos, sobretudo nos primeiros anos da escolaridade [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 46).

Além do aprimoramento da linguagem, um outro privilégio “cobrado” do agente adulto que também depende da aquisição de *capital cultural* transmitido pela família consiste no “bom gosto”.

As crianças oriundas dos meios mais favorecidos não devem ao seu meio somente os hábitos e treinamento diretamente utilizáveis nas tarefas escolares, e a vantagem mais importante não é aquela que retiram da ajuda direta

Elaine C. Scarlatto - Marilda da Silva

que seus pais possam dar a elas. Elas herdam também saberes (e um *savoir-faire*), gostos e um “bom gosto” (BOURDIEU, 1998, p. 45).

Nesse sentido, consideramos que, a partir da noção de *habitus* em Pierre Bourdieu o CEC, por meio de suas práticas culturais, tem propiciado a seus alunos um “aumento” de capital cultural, desencadeando uma reestruturação de seu *habitus* e contribuindo significativamente com a história de escolarização de cada um deles.

Apreciação dos envolvidos direta e indiretamente: professores, alunos e pais

A) O que dizem as professoras sobre o CEC

A professora Juliana,² que trabalha com crianças de 7 e 8 anos, atua na oficina de expressão, recreação, contação de histórias e artes plásticas, diz:

Os alunos do CEC têm pouco contato com a família. Os pais trabalham, então, nós ajudamos em tudo: integração, socialização, na vida cotidiana desde como usar o garfo e a faca, ir ao banheiro... Além disso, ampliamos a parte cultural ensinando técnicas de pintura, biografia dos artistas, estudando os quadros, contextualizando o artista em seu período histórico, fazendo releituras dos quadros e depois expomos. Já trabalhei Tarsila, Portinari e Di Cavalcanti.

Lúcia, que está no CEC desde 1994, trabalha na oficina de Texto I no período da manhã e na oficina de expressão à tarde, relata:

Ensina desde o básico, higiene do dia-a-dia e percebemos que a criança começa a ser mais crítica com o seu dia-a-dia até a apreciação de uma obra de arte. Trabalha-se com quadros, esculturas na oficina de expressão. Na oficina de texto I, a criança tem medo de chegar ao livro e é gratificante ver que depois de um tempo aquele mesmo aluno que tinha medo de chegar ao livro troca o pingue-pongue pela leitura. Nós começamos perguntando que tipo de livro o aluno mais gosta, geralmente respondem que não gostam de ler. Eu pego um livro científico, começo a ler e paro na metade. Quem quiser saber como continua a história vai ter que pegar o livro e ler. A maioria se interessa. Acredito que desenvolvemos a criatividade e a capacidade crítica.

Isabela já trabalhou em várias oficinas e atualmente está na oficina de música. Ela afirma:

A educação complementar em Araraquara-SP: uma oportunidade de reestruturação do habitus para as classes populares

O CEC contribui de várias maneiras para os menores, por exemplo, na alfabetização de forma diferente do Ensino Fundamental, não com cara de escola, porque a carga horária é imensa. Por isso queremos propiciar brincadeiras também. Nós resgatamos brincadeiras antigas como pião, bola de gude, bambolê... Eles precisam de um espaço para brincar. Temos brincadeiras dirigidas na oficina de relações.

Ela conta também que todo o ano eles ganham um concurso sobre a dengue, o trânsito, entre outros. No concurso da laranja, eles ganharam na dança. “Contribuímos também no sentido de parar e poder conversar durante a aula. Isso em qualquer aula, até mesmo fora da oficina de relações”, ela diz. No que diz respeito ao conteúdo desenvolvido, relata:

Estudam a biografia dos cantores, dos artistas. Eu tenho um aluno que já gostava de música clássica, cuja mãe trabalha no CEC. Coloco música para eles ouvirem e irem escrevendo o que pensam enquanto ouvem ou que desenhem ouvindo uma determinada música.

B) O que dizem os alunos sobre o CEC

Os alunos também acreditam que o CEC auxilia no processo de educação e formação das crianças e adolescentes que frequentam o curso. Beatriz,³ de 13 anos e Bianca, de 14 anos, ambas cursando a sexta série, ao serem indagadas sobre o que mais gostam no CEC, afirmam que gostam de tudo. “Gosto mais da oficina de jogos, tem basquete, futebol, vôlei, damas... Gosto de computação e da oficina de relações”, diz Beatriz. Carlos, de 12 anos, também da sexta série, responde: “Gosto da oficina de expressão, gosto de desenhar, pintar com guache, gosto da Tarsila do Amaral. Gosto da oficina de música também, gosto de MPB, Rap e Rock”.

C) O que dizem os pais dos alunos sobre o CEC

Segundo as mães entrevistadas, o CEC está mudando o comportamento de seus filhos. Percebemos isso ao observar as respostas das mães, quando indagadas sobre a importância do CEC e quais mudanças perceberam nos filhos após o ingresso dos mesmos na Educação Complementar:

- Carla⁴, mãe de Pedro, de 7 anos, respondeu: “Ele mudou bastante, está respeitando mais os colegas quando estão brincando”.
- Maria tem uma filha de 8 anos estudando no CEC. Para ela, após o ingresso da filha na instituição, “houve mais facilidade para aprender, as professoras estão até elogiando”.
- De acordo com Paula, mãe de Cristian que se matriculou este ano na instituição, ele necessita do CEC porque tem dificuldade de apren-

dizagem. Confiante ela responde: “Eu o coloquei no CEC, porque ele vai mal na escola. Eu acho que o CEC vai ajudá-lo”.

Considerações finais

Como foi exposto, os estudos realizados por Pierre Bourdieu ressaltam a predominância significativa da história familiar no sucesso, ou não, da escolarização dos agentes. Essa influencia dá-se por meio do contexto intelectual, da estrutura da língua falada, do acesso aos bens culturais, da valorização em relação à escola, do nível de escolaridade da família, das relações sociais (capital social) e do custo financeiro que a família pode despender. Quando a família não possui esses “capitais” seus filhos, por meio dela, também não os possuirão. Ou seja: os filhos de famílias desprovidas dos “bens” em questão vão para a escola sem o suporte que eles dão ao processo de escolarização. E esse suporte é indispensável ao sucesso escolar dos alunos, como já demonstraram, fundamentados, sobretudo, por outras teorias, os estudos que trataram da aquisição da leitura e da escrita, tendo em vista as classes populares.

A partir das explicações de Bourdieu a propósito da relação que há entre capital cultural, *habitus* e família no que diz respeito à escolarização das pessoas é que pudemos mostrar o quanto o trabalho que o CEC de Araraquara realiza – por meio de suas atividades de caráter sociocultural-acadêmico –, é indispensável às classes populares. Essa chave permite, dentre outras coisas, desmitificar afirmações do senso comum como, por exemplo: “não nasceu para o estudo”. Essa afirmação é feita a partir de um pressuposto de que as disposições cognitivas dos sujeitos são estáticas e não dinâmicas, isto é, o *habitus* de classe de um aluno jamais será reestruturado. Bourdieu diz não a afirmações como essa, pois para ele as disposições cognitivas dos agentes dependem das oportunidades às quais estão e foram expostos. Portanto, se o agente têm oportunidades para “eivar” seu *habitus* do ponto de vista, nesse caso, da alta cultura, seu *habitus* será reestruturado e ele terá melhorado suas disposições cognitivas para compreender, avaliar, apreciar e estar no mundo, e sobretudo, no mundo escolar.

Sendo assim, depreendemos que o CEC constitui uma estratégia na qual crianças oriundas das camadas populares podem reduzir as desigualdades de oportunidades educacionais. É explícita e bonita a convergência de posicionamentos entre os alunos, os familiares e os professores acerca do CEC. Para eles, as práticas pedagógicas fornecidas pela instituição repercutem em perspectivas futuras de melhoria escolar e social. E o mais curioso é que esses agentes (professores, alunos e pais) não conhecem a potente teoria que nos agraciou Bourdieu para que pudéssemos fazer esta pesquisa. Então, podemos dizer que aqui a teoria e a prática estabelecem relação objetivamente, para também usar outra expressão teórica do nosso autor estudado.

Diante do atual contexto educacional brasileiro, repleto de desafios a

A educação complementar em Araraquara-SP: uma oportunidade de reestruturação do *habitus* para as classes populares

serem enfrentados, como o padrão de qualidade do ensino da escola pública, devemos considerar a importância do CEC, pois sua ação educativa traz robustas contribuições aos filhos das classes que menos detêm capital cultural e mais padecem do fracasso escolar. Ademais, a filosofia e as práticas pedagógicas do CEC estão diretamente relacionadas ao Estatuto da Criança e do Adolescente. Acreditamos, por isso, que o modelo pedagógico aplicado à educação de crianças, que se constituiu e ganhou corpo e voz nos Centros de Educação Complementar em Araraquara, é bastante adequado, sobretudo, para as crianças oriundas de classes populares. Por que este não seria um exemplo a seguir?

Este estudo possibilitou uma primeira aproximação em relação às práticas educativas desenvolvidas na Educação Complementar em Araraquara. De acordo com os primeiros dados levantados, foi possível perceber o potencial para investigação que tem o CEC, tendo em vista procedimentos didático-pedagógicos que favorecem a reestruturação do *habitus* de crianças, desprovidas inicialmente de elementos da alta cultura. Portanto, esse é apenas o início de uma longa trajetória que iremos percorrer.

Referências

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- BRASIL. **Lei n. 8.069/90**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.
- CAPALDO, O. L. **Educação complementar**: um projeto político- pedagógico. Araraquara-SP, 2006. Não publicado.
- SILVA, M. **Como se ensina e como se aprende a ser professor**: a evidência do *habitus* professoral e da natureza prática da didática. Bauru: EDUSC, 2003.
- VASCONCELLOS, M. D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 78, p. 77-87, abr./ 2002.

Notas

- ¹ Os objetivos gerais foram extraídos do texto *Educação Complementar: um projeto político-pedagógico* de Orlene de Lourdes Capaldo (2006).
- ² Os nomes das professoras são fictícios, para resguardar-lhes a identidade.
- ³ Os nomes dos alunos são fictícios, para resguardar-lhes a identidade.
- ⁴ Os nomes dos pais dos alunos são fictícios, para resguardar-lhes a identidade.

Correspondência

Elaine C. Scarlato - Rua José Correa da Silva, 629. Jardim Água Branca. CEP 14807-274 - Araraquara, SP.

E-mail: elaine_unesp@hotmail.com

Recebido em 06 dezembro de 2007

Aprovado em 28 de julho de 2008